

30.06.2018 | 08.09.2018
ALICE MOREY

SHAPES OF PERMANENCE

Por Louisa Elderton

Leite. A Alice Morey enviou-me esta palavra num poema por e-mail, leite transmitido por cabo em busca de uma nuvem digital na qual se instalar. Bebi-o enquanto lia. Pixels brancos humedecendo-me os olhos. Mais tarde, sentamo-nos juntas no parque e soltei a água enquanto um gelado se derreteu nas minhas mãos. Baunilha pingando repetidamente, deixando a minha pele pegajosa. De alguma forma, evoca as suas pinturas. Provavelmente, já reparou no véu de baunilha leitosa que paira (repetidamente) sobre os seus pigmentos, uma camada liqüescente através da qual não se consegue realmente ver, mas sabe-se que algo está lá, buscando refúgio, *atrás de uma tela.*

Ao longo dos anos, vi-a fazer coisas diferentes às suas pinturas. Uma, enterrou-a viva. Cavou um enorme buraco na lama encharcada e deixou o corpo da tela assentar na terra. Ou talvez a lama estivesse congelada - afinal de contas, ela vive em Berlim. Cristais de gelo beijando cores que continuam a brilhar, ainda que condenadas ao submundo. Doutra vez, nadou até ao meio de um lago, agarrando uma pintura que arrastou atrás de si. Com movimentos lentos enquanto a peça ondulava em águas paradas. Batize o pano para torná-lo puro; derrame-se sobre ele, pele contra a pele. Este assunto é importante: pernas a bater de lado a lado, água borbulhando e viva, *absorvendo a superfície.* Às vezes ela também queima as coisas, principalmente paus da floresta. Consegue ver a construção de uma narrativa? Lama, água, madeira. Vai conhecer o carvão dela porque o pode ver à sua frente, fazendo linhas. Elas balanceiam, curvam e arqueiam. Veja.

A lama adere e as algas envelhecem. *Respire. Ela quer que a superfície cresça sozinha.* E isso acontece. Deixe que os seus olhos se demorem; deixe que as formas se materializem. Afaste o véu ou mergulhe para além da superfície. Eu vejo água em tudo, aqui. "The Power of Blue" (2017) estabelece um horizonte entre dois azuis que parecem ondular e fluir com ondas diferentes; "Borderline" (2017) inverte um pôr do sol luminescente que brilha acima dos juncos; "Trunk" (2017) vê uma casca de árvore inchada flutuando numa piscina azul-turquesa com tons de coral.

30.06.2018 | 08.09.2018
ALICE MOREY

Talvez o seu pensamento, como o meu, deambule até aos “Nenúfares” de Monet, por vezes tão abstratos, a ponto de se transformarem em manchas de amarelo-limão e vibrações de rosa entre os tons de verde-escuro e azul. E Dürer, com os dentes-de-leão e o plantago major do seu “O Grande Tufo de Ervas” (1503), aparentemente ressurgindo no “Threshold” de Morey (2017), embora turvado pelo pincel da inevitável passagem do tempo. Como estas, as obras dela vêm da natureza, mas estão preocupadas com a pureza da cor; da luz saltando fora da matéria para realçar a tonalidade, a textura e a consistência; das bactérias que se podem multiplicar se forem deixadas à sua própria sorte.

O iogurte produz-se e muda com a vida. *Azedo*, às vezes. Ela mergulha seu pincel gigante em tinas dele, alisa com a *mão automática* a branca grossa sobre os pigmentos em pó que já aplicou, polvilhados com as pontas dos dedos manchadas. *Traz-nos proteínas e une os nossos corpos à primeira vida*, diz ela. Nas suas imagens, tudo está vivo: uma figura amorfa busca a sua própria forma em ‘C’est la Vie’ (2017), uma massa que certamente se expandirá para consumir o fluorescente desabrochar logo acima. Uma aparição branca levanta a cabeça sobre a água em “Ghost” (2017), procurando a *sua própria memória* no escuro. Estes são *padrões de solidão* tratando de encontrar algo que possa parecer familiar. *Respire*.

Ela chama-as “Shapes of Permanence” (Formas de Permanência), mas como podemos ter tanta certeza? A vida continua a mover-se ao redor, modificando-nos. Às vezes, usa barro e molda-o em pequenas formas orgânicas; terra friável que foi comprimida, torcida e enrolada, delicadamente colocada no chão enquanto instiga a traçar um percurso pela galeria. Esmaga-se sob os pés, tapete pulverulento de pó pisado. *Ação*. O vento vai pegar nele e movê-lo para outro lugar, talvez de volta à terra de onde veio. *Deve haver mais do que isto*. Ainda assim, ela diz que é permanente. Aqui, algumas das suas esculturas acumulam-se à nossa volta: tons pastel de laranja, verde, azul e rosa, escondendo outros elementos que foram submergidos e incorporados. Pequenos montículos de natureza tornaram-se mais belos, mas prontos para serem quebrados. *O céu fica novamente cinzento consigo*. O dela é um limiar; se atravessa corajosamente ou espreita suavemente pelas curvas e claras janelas entre algumas dessas superfícies nebulosas, bem, isso é consigo.